

A respeito de Conimbriga

1. Fragmento de estatua romana

Acabamos de ver nos escriptorios do *Conimbricense* o fragmento de estatua ultimamente encontrado nos terrenos da *almedina*, muros a dentro do castro romano da Condeixa-a-Velha, em propriedade do sr. Wenceslau Martins de Carvalho.

É a parte anterior do pé esquerdo de uma estatua colossal, que a avaliar pelo canon classico, do Achilles antigo, por exemplo, deveria medir 2^m,82 de altura.

É de alabastro, com a sandalia heroica, trabalho de uma accentuação authentica.

A estatuaria romana d'estas dimensões não é vulgar.

Para a inducção de hypotheses á cêrca da sua significação iconica são insufficientes os indicios de um simples pé.

Todavia é quasi fóra de dúvida que pertenceu á imagem de uma divindade. E se, dando credito a signaes falliveis, póde aventar-se que fosse uma representação feminina, nesse caso a altura iria alem de 3 metros.

Consta que o sr. Wenceslau está disposto a empregar tentativas para descobrir se no mesmo local existe o torso e os membros que a completam.

Essa investigação não admira que tente a natural curiosidade de um homem illustrado: mas quasi se póde affirmar que será esforço baldado. Uma figura de taes proporções deve ter soffrido desbaratos crueis.

Pelos escassos factos, que o acaso tem revelado, póde asseverar-se que quaesquer que tenham sido as vicissitudes por que passou a cidade de Conimbriga, um grande incendio occorreu, como epilogo de todos os desastres.

O subsolo em muitos pontos contém camadas extensas de substancias carbonizadas; e muitas vezes alli tem sido encontradas quantidades avultadas de trigo queimado.

A todos os espiritos salta a conjectura de uma invasão armada, guiada a todos os horrores da atrocidade e da destruição pelos odios de um cêrco, que de certo seria tenaz e prolongado.

Todas as considerações favorecem uma tal supposição: a ferocidade dos costumes, e as represalias provocadas pela resistencia de uma povoação defensavel pela fortaleza dos mouros e pelas vantagens da sua posição sobre penhascos alcantilados.

As ruínas de Condeixa-a-Velha, taes como se encontram, são o mais vexatorio depoimento da lassidão e do amollecimento portuguezs.

Até hoje jaz sellado pelo desprezo e pela incuria aquelle abundante jazigo de uma civilização brilhante ali sepultada— a 2 metros de profundidade!

Como é triste e symptomatico de uma sociedade em decomposição, que tantos homens, archeologos, artistas e sabios, alli vão frequentes vezes espalhar lastimas, não como Mario chorando sentimental sobre as ruínas do Carthago, mas deplorando a vergonha de que em Portugal seja impossivel encontrar trezentos mil réis, devotados a bem da sciencia, da historia e da civilização. Nem os cofres publicos, nem a generosa iniciativa de uma collectividade ou de um individuo, para levar a effeito uma excavação fertil, garantida por tantos indicios de bom exito!

.....

Felizmente sabemos que a secção de archeologia do Instituto se entrega neste momento ao estudo dos meios praticos para iniciar sondagens e excavações, segundo um plano methodico e maduramente pensado, que facilmente possam prestar indicações indispensaveis e projectos e trabalhos de mais completa investigação. = A.

(D *O Jornal de Condeixa*, de 8 de Maio de 1897, para onde havia sido transcrito da *Resistencia*.)

2. Rapida visita ás ruínas

Tendo-se-me offerecido ensejo de ir a Coimbra nas passadas ferias do Entrudo, resolvi dar um passeio ás ruínas de CONIMBRIGA, em Condeixa-a-Velha, e effectivamente o dei, em companhia do distincto lente da Universidade, e meu prezado amigo, o sr. dr. Bernardino Machado, e de outras pessoas.

Já ha annos eu tinha estado naquelle local, mas então não tirei tanto fructo da minha excursão como agora.

Como não posso escrever neste momento um artigo desenvolvido, pois apenas tenho por fim corresponder, com um pequeno artigo destinado ao *Jornal de Condeixa*, á amabilidade com que o seu illustrado

redactor, o sr. dr. Alberto Martins de Carvalho, e seu Ex.^{mo} pae, me acolheram e me informaram á cêrca dos assumptos que eu pretendia conhecer, limito-me a umas breves notas.

O trabalho mais desenvolvido que ultimamente se tem publicado sobre CONIMBRIGA é o de Borges de Figueiredo, no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 5.^a serie, 1885, pag. 589 sqq. O fallecido archeólogo estabelece que CONIMBRIGA foi effectivamente em Condeixa-a-Velha, onde ha ainda muitos e notaveis restos; a pag. 595, porém, transcreve o seguinte da acta de uma sessão do Instituto de Coimbra: «Este cunho de grandeza, que apparece nas ruinas, afasta inteiramente toda a ideia de que alli fôsse um *castrum*, como tambem se tem opinado», — opinião esta, que Figueiredo perfilha.

Não sei bem em que sentido é alli tomada a palavra *castrum*, se no sentido romano, se no sentido do português *castro*.

Com relação ao primeiro ponto, não ha dúvida que *Conimbriga* era mais que um *castrum*, era um *oppidum*. Com relação ao segundo ponto, tenho como certo que as actuaes ruinas correspondem perfeitamente ao que na nossa archeologia se chama *castro* ou *crasto*. O proprio nome CONIMBRIGA, em que entra o elemento -briga, de origem celtica, e com significação de «altura fortificada», o prova soffrivelmente.

Conheço *de visu* castros em todas as provincias do nosso país; quando visitei estas ruinas, logo as incluí no número dos castros, pois tem todos os requisitos que para estes se requerem: sufficiente altura, muralhas, e até mesmo a proximidade de um ribeiro, que corre ao fundo. Todavia é um castro grandê e importante.

Na minha última excursão colhi bastantes objectos que trouxe para o Museu Ethnologico Português, a meu cargo. Estes objectos são uns *pre-romanos*, outros de origem *romana*.

No que existe escrito a respeito de Condeixa-a-Velha ou Conimbriga, falla-se só, creio eu, da epocha romana e posteriores; da epocha *pre-romana* apenas se cita o nome CONIMBRIGA com as suas variantes: os objectos que eu encontrei preenchem pois uma lacuna, embora elles sejam muito diminutos, pois se reduzem a varios instrumentos pre-historicos de pedra polida: 1 goiva, 8 da classe dos machados, e 3 que poderão ter servido de amuletos.

Da epocha romana foi maior a colheita, pois trouxe muitos *pondera* de barro (alguns com marcas *figulinas*), instrumentos de ferro, 1 espora do mesmo metal, 1 camapheu, moedas de cobre e de prata, pedras esculpturadas, 1 figura de bronze, e diversos outros objectos. No Museu do Instituto de Coimbra, cujos progressos recentes, devidos ao zêlo e dedicação scientifica e patriotica de um grupo de archeologos

de Coimbra, são muito para elogiar, observei varios exemplares analogos aos meus, como uma espora, *pondera* de barro e instrumentos de ferro.

Todos estes objectos, pela comparação de uns com os outros, se authenticam e esclarecem reciprocamente.

Tambem trouxe umas curiosas contas de collar, a que não posso ainda marcar data precisa, mas que ou são romanas ou *pre-romanas*.

Da velha *Conimbriga* existem tão valiosas ruinas;—muralhas, restos de casas, aqueductos—, e apparecem tantas vezes cousas antigas por occasião dos trabalhos agricolas, que bem merecia a pena proceder a excavações methodicas e amplas, do que resultaria grande peculio scientifico. A Secção Archeologica do Instituto de Coimbra bem sabe isto: ella que faça, pois, por tomar a si quanto antes este êncargo, e adquirir esta gloria.—J. L. DE V.

Lisboa, 6 de Maio de 1897.

(Do referido n.º d-*O Jornal de Condeixa*.)

Duas povoações mortas

Na margem direita da linha de agua que entra no Sabor com o nome de Ribeira de Villa Nova encontram-se, em duas das alturas que a contornam e em correspondencia ás pequenas aldeias de Villa Nova e Meixedo da margem esquerda, restos de *povoações mortas* nos sitios conhecidos pela *Devesa* e *Lombeiro Branco*.

Estes pontos formam com Villa Nova quasi um triangulo isosceles, occupando esta localidade o vertice e sendo os lados iguaes a sua distancia ás ruinas que deve regular por 1,5 kilometro, e o lado desigual o intervallo que ha entre estas, que andarâ por 2 kilometros.

Avistam-se uma da outra, e ambas estão na confluencia de dois valles: a Devesa na junção do de Campello com o de Villa Nova, e o Lombeiro Branco no encontro do prolongamento d'este, que no local tem o nome de Amoreira, com o da Raposeira, que, como o de Campello, corre a sudoeste da posição.

Apresentam proximamente a mesma configuração topographica. Tem declives escarpados entre norte e sul, e para poente continuam-se em ondulações que vão terminar nos cimos que separam as aguas do Sabor e do Vasseiro. Os seus horizontes são muito limitados, e o maior é o que se descobre da Devesa para nordeste, que se estende até ás alturas de Babe numa extensão não superior a 20 kilometros.